

A diversidade dos sítios arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná

Jonas Gregorio de Souza¹
Fabiana Terhaag Merencio²

RESUMO: Neste artigo, destacamos a variabilidade dos sítios arqueológicos associados à ocupação Jê meridional no estado do Paraná. Através da análise de duas áreas, a do baixo Piquiri e a do médio Iguaçu, que apresentam alta densidade de estruturas semi-subterrâneas e montículos, propomos que a emergência localizada de um sistema de assentamento com menor mobilidade, maior densidade demográfica e evidências de hierarquias sócio-políticas estaria relacionado à circunscrição territorial dos grupos Jê pelas migrações Tupi-Guarani.

PALAVRAS-CHAVE: *Jê do Sul, Tradição Taquara/Itararé, Paraná, sistema de assentamento.*

ABSTRACT: In this article we emphasize the variability of archaeological sites associated with a Southern Jê occupation in the state of Paraná. Through the analysis of two areas, the lower Piquiri and the middle Iguaçu rivers, which exhibit high density of semi-subterranean structures and mounds, we propose that the localized emergence of a less mobile settlement system, with higher demographic density, and evidences of socio-political hierarchies, could be related to territorial circumscription of the Jê groups by the Tupi-Guarani migrations.

KEY-WORDS: *Southern Jê, Taquara/Itararé Tradition, Paraná, settlement system.*

¹ Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Doutorando em Arqueologia pela Universidade de Exeter, Reino Unido, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil, processo 1802-13-5.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil. Bolsista (CAPES).

Introdução

As pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Taquara/Itararé, relacionada aos falantes do ramo meridional das línguas Jê em período pré-contato³, têm sido intensificadas nos últimos anos a partir de trabalhos tanto acadêmicos quanto de contrato, permitindo o aprofundamento de discussões relacionadas a temas como sistemas de assentamento, cronologias detalhadas, o papel da agricultura e a emergência da complexidade sócio-política em áreas específicas do Sul do Brasil e adjacências (COPE e SALDANHA, 2002; COPÉ *et al.*, 2002; SCHMITZ *et al.*, 2002, 2010; BEBER, 2004; SALDANHA, 2005, 2008; COPÉ, 2006, 2007; DEMASI, 2006, 2009; IRIARTE *et al.*, 2008, 2010, 2013; CORTELETTI, 2008, 2012; DESOUZA e COPÉ, 2010; SCHMITZ e ROGGE, 2011; DESOUZA, 2011, 2012).

A maior parte dessas investigações tem se centrado nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com efeito, é no planalto oriental desses estados, e mais especificamente nas bacias dos rios Canoas, Pelotas e das Antas, que se encontra uma ocupação Jê meridional excepcionalmente densa: o sítio com maior número de estruturas de habitação (SCHMITZ e ROGGE, 2011), as estruturas de maiores dimensões (COPE, 2006) e a maior concentração e variabilidade de monumentos funerários (MÜLLER, 2008; SALDANHA, 2008; DEMASI, 2009; DESOUZA, 2012) encontram-se todos nessa área.

Contudo, deve-se ressaltar que o estado do Paraná conta com uma larga trajetória de pesquisas em sítios com material Jê meridional, mesmo antes da definição das tradições Itararé e Taquara (LAMING e EMPERAIRE, 1959; RAUTH, 1963; BLASI, 1965, 1967). Além disso, como pretendemos demonstrar ao longo do

³ Atualmente, os Kaingang e os Xokleng são os únicos representantes desse ramo (NOELLI, 1999-2000). Entretanto, não se deve esquecer que, no século XIX, foram registradas outras línguas Jê meridionais, como o Kimdá e o Ingáin, situados entre o oeste paranense, a província de Misiones e o Paraguai (JOLKESKY, 2010, p.15-18).

artigo, o Paraná apresenta notável diversidade nas ocupações Jê em período pré-colonial, oferecendo alto potencial comparativo com os contextos catarinenses e rio-grandenses.

Inicialmente, apresentamos um breve histórico das pesquisas no Paraná, para em seguida detalhar nosso levantamento dos dados a partir de fichas de registro de sítio e de publicações, sua inserção no ArcGIS e a classificação dos sítios arqueológicos. A partir desse levantamento, destacamos a diversidade de padrões de assentamento (implicando em sistemas de assentamento distintos) e apontamos para duas áreas dentro do estado do Paraná em que se notam similaridades com a região “nuclear” representada pelo planalto catarinense e rio-grandense – a saber, a grande concentração de sítios com estruturas semi-subterrâneas e monumentos funerários, dispostos de forma altamente estruturada na paisagem. Por fim, sugerimos – seguindo as implicações de uma hipótese de Noelli (2004a, p.39-40) – que a emergência de tal padrão pode estar relacionada a um fenômeno localizado de circunscrição social pelos grupos Tupi-Guarani.

Breve histórico das pesquisas⁴

Como já mencionamos, as primeiras investigações arqueológicas no Paraná que dão notícia de materiais atualmente identificáveis como Jê do Sul⁵ ocorreram ao longo da década de 1950 e início da década de 1960 (LAMING e EMPERAIRE, 1959; RAUTH, 1963; BLASI, 1965, 1967), em decorrência da formação de

⁴ Este histórico não pretende ser exaustivo, mas apenas fornecer um panorama amplo; para uma descrição detalhada de todas as fases da Tradição Itararé, recomendamos consultar Schmitz (1988) e Beber (2004, p. 66-95).

⁵ Utilizaremos indistintamente os termos “Jê do Sul” ou “Jê meridional” para nos referirmos ao conjunto das tradições Taquara, Itararé e Casa de Pedra, considerando a continuidade entre tais ocupações pré-coloniais e as populações históricas falantes de línguas daquela família (NOELLI, 1999). Entretanto, outras denominações abrangentes são também encontradas na literatura, em particular “Proto-Jê meridional” (ver discussão em BAPTISTA DA SILVA, 2001).

profissionais pelo CEPA da UFPR (MENDONÇA DE SOUZA, 1991, p. 113-114), antes da adoção da nomenclatura de fases e tradições seguida pelo PRONAPA⁶. Nesse período, a comparação entre as cerâmicas não Tupi-Guarani paranaenses e aquelas descritas por Oswald Menghin em Misiones, Argentina, fornecia uma conexão indireta com os povos Jê, uma vez que esse último pesquisador sugeria tal ligação (BLASI, 1967, p.20-22; MENGHIN, 1956, p.28-36).

Durante o PRONAPA, um marco foi a definição da Fase Itararé a partir do material cerâmico de sítios nos vales dos rios Itararé e Paranapanema (CHMYZ, 1967a). Posteriormente, essa fase deu nome à Tradição Itararé, definida antes da Tradição Taquara do Rio Grande do Sul (MILLER, 1971), o que leva Araujo (2007, p. 17) a propor o nome Itararé-Taquara como o mais correto para se referir à unificação das duas tradições, como de fato já era seguido por alguns arqueólogos (PARELLADA, 2005). Entretanto, manteremos o termo Taquara/Itararé neste artigo para nos referirmos à ocupação Jê do Sul pré-colonial como um todo, por ser de uso mais corrente e já estabelecido na literatura.

Ao longo dos anos seguintes, durante a execução do PRONAPA, a maior parte das fases da Tradição Itararé foi definida por Igor Chmyz. No médio rio Iguaçu, esse pesquisador registrou estruturas semi-subterrâneas (ou “casas subterrâneas”) – já conhecidas por ele a partir de sua experiência em uma dessas estruturas em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (CHMYZ, 1965) – e aterros de função mortuária, sendo esses sítios atribuídos à Fase Catanduva (CHMYZ, 1968a, 1969a). Já nesse momento, Chmyz (1967b, p.21-22; 1968a, p.49) atribui tais vestígios a uma ocupação Jê meridional, baseado tanto em relatos etnohistóricos quanto na comparação entre a cerâmica Kaingang recente e a arqueológica.

⁶ Mesmo antes das pesquisas sistemáticas já havia descrições de vestígios Jê do Sul por parte de amadores e autodidatas. Destacam-se, no início do século XX, os trabalhos de Telêmaco Borba, que descreveu estruturas semi-subterrâneas (BORBA, 1908, p.126-127) e montículos (BORBA, 1908, p.124-125), tendo inclusive escavado um destes e localizado evidências de cremação.

Não se deve esquecer que o mesmo autor sempre enfatizou a existência de uma cerâmica distinta denominada por ele de Casa de Pedra, sendo esta predominantemente lisa, globular e sem as bases planas típicas da Tradição Itararé (CHMYZ, 1967b, p.21-25).

Também digno de nota é o trabalho de Chmyz e Sauner (1971) no baixo rio Piquiri, onde, da mesma forma como na Fase Catanduva, um número relativamente elevado de estruturas semi-subterrâneas e montículos de função funerária foram localizados (os dados dessa região, assim como da anterior, serão discutidos em maior detalhe nas próximas seções deste artigo). Data do mesmo ano uma importante síntese em que Chmyz (1971) examina o fenômeno de “contato interétnico” no passado pré-colonial: de particular interesse é a comparação entre as fases Catanduva e Candói (definida em CHMYZ, 1969b) e a Tradição Taquara do Rio Grande do Sul. Os fragmentos com decoração plástica, praticamente inexistente na Tradição Itararé, atingem excepcionalmente 10% na Fase Candói, e a decoração é do mesmo tipo que a encontrada na Tradição Taquara, onde pode atingir 81%, o que serve de base para que Chmyz (1971, p.12-13) postule alguma forma de contato entre as tradições.

A partir da segunda metade da década de 1970, as pesquisas que trouxeram novas informações sobre a Tradição Itararé no Paraná são quase todas resultantes da arqueologia de contrato. Deve-se destacar o Projeto Itaipu (CHMYZ, 1976), que permitiu a identificação de um grande número de sítios a céu aberto e de algumas estruturas semi-subterrâneas, essas últimas sempre afastadas do rio e em altitudes mais elevadas. É decorrente desse trabalho a identificação de muitos sítios da Fase Cantu, à qual os sítios do baixo Piquiri haviam sido atribuídos (CHMYZ e SAUNER, 1971, p.24), e que inclui um pequeno percentual de decoração plástica.

Depois de Itaipu, outro projeto ligado a uma hidrelétrica, a de Salto Santiago, produziu grande quantidade de dados sobre a Tradição Itararé no médio rio Iguaçu (CHMYZ, 1981). Todos os sítios

eram a céu aberto, embora em dois houvesse vestígios de possíveis estruturas semi-subterrâneas (CHMYZ, 1981, p.39-43); notável também é a existência de uma estatueta fragmentada (CHMYZ, 1981, p.52), a primeira relacionada a essa tradição (outra foi mais recentemente escavada por Demasi, 2009, p.107). Com os dados de Salto Santiago somados às pesquisas anteriores, Chmyz (1981, p. 89-95) construiu uma nova síntese, cujos pontos principais incluem:

1) a definição da Fase Xagu, caracterizada sobretudo pelo alto percentual de decoração plástica, em sua maioria incisa, e a proposição de que esta pertenceria a uma “subtradição incisa” da Tradição Itararé que incluiria as fases Xaxim (em Santa Catarina) e Guatambu (no Rio Grande do Sul);

2) a proposição de que a Fase Candói pertenceria a uma “subtradição carimbada” da Tradição Itararé que incluiria também as fases Caxias e Taquara (no Rio Grande do Sul); e finalmente

3) a associação da Tradição Itararé aos Xokleng e da Tradição Casa de Pedra aos Kaingang.

Por fim, em anos recentes, trabalhos de arqueologia de contrato têm preenchido lacunas no mapa da Tradição Taquara/Itararé no Paraná, além de esclarecerem alguns aspectos das estruturas semi-subterrâneas. Dentre esses trabalhos, destacamos Chmyz *et al.* (1999), que localizou sítios a céu aberto no vale do Ribeira na divisa com São Paulo; Chmyz *et al.* (2003), cuja escavação em uma estrutura semi-subterrânea na região metropolitana de Curitiba trouxe novos dados sobre os processos de ocupação e re-ocupação desse tipo de sítio; Chmyz *et al.* (2008) e Chmyz *et al.* (2009), ambos com extenso levantamento de sítios a céu aberto e algumas estruturas semi-subterrâneas. Também merecem destaque os trabalhos no traçado do GASBOL em território paranaense, onde foi identificada alta densidade de sítios Itararé a céu aberto em todos os compartimentos da paisagem, mesmo em picos íngremes da Serra do Mar, como analisado na tese de doutorado de Parellada (2005). Recentemente, a mesma

pesquisadora foi responsável pela análise de radiografias de vasilhames Itararé, cujos resultados apontaram para técnicas de manufatura não perceptíveis a olho nu, como o paletado (PARELLADA, 2008).

Através desse histórico, podemos perceber a longa trajetória das pesquisas no estado do Paraná e a necessidade de sistematização dos dados. A seguir, detalharemos o processo de coleta dos dados, sua classificação e representação espacial, que serviram para levantar algumas das problemáticas discutidas no final do artigo.

Construção da base de dados

A base de dados foi inicialmente construída em 2009, com o intuito de se realizar um levantamento dos sítios registrados no estado do Paraná, buscando, dessa forma, uma sistematização das informações disponibilizadas em relatórios de pesquisa, artigos publicados em periódicos, fichas de cadastro de sítios (CNSA e IPHAN-PR), além de mapas com a localização dos sítios arqueológicos. O resultado desse trabalho, até o momento, é a compilação de dados referentes a 2.690 sítios arqueológicos em um banco de dados, cujos dados foram divulgados em mapas temáticos (MERENCIO, 2012).

Para a construção da base de dados, foram selecionados campos de informações similares aos da ficha de sítio disponibilizada pelo Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), sendo consideradas as seguintes informações:

- 1) Município atual;
- 2) Município registrado;
- 3) Sigla;
- 4) Nome;
- 5) Tradição;
- 6) Subtradição;
- 7) Fase;

- 8) Tipo (acampamento, arte rupestre, casa subterrânea, cemitério, forte, habitação [permanente/indeterminada], oficina lítica, redução jesuítica e sambaqui);
- 9) Artefatos;
- 10) Estruturas;
- 11) Datações;
- 12) Categoria (pré-colonial, de contato, ou histórico);
- 13) Componentes (uni/multicomponencial);
- 14) Deposição (superfície/profundidade);
- 15) Exposição (céu aberto/abrigo sob rocha);
- 16) Dimensão;
- 17) Unidade Geomorfológica;
- 18) Compartimento Topográfico;
- 19) Coordenadas/UTM;
- 20) DATUM;
- 21) Localização dos dados (CNSA-online, IPHAN-PR, bibliografia);
- 22) Referência bibliográfica e
- 23) Informações extras (descrição sumária).

É fundamental, para a construção de um sistema de informação geográfica (SIG), que no registro dos sítios sejam apresentados as coordenadas, DATUM (sistema de referencial geodésico utilizado pelo aparelho GPS) e erro médio do aparelho no momento da coleta desses dados. Apesar de fundamentais para localização e posterior gerenciamento do patrimônio arqueológico, nem sempre esses dados são fornecidos pelas fichas, principalmente em sítios cujo registro tenha sido realizado entre 1955 e 1980 – por exemplo, cerca de 850 sítios cadastrados pela equipe do Centro de Pesquisas e Estudos em Arqueologia (CEPA-UFPR). Todavia, nesse caso específico e para complementação de informações para o banco de dados, foi possível obter uma localização aproximada destes sítios a partir do mapa de localização dos sítios pesquisados pelo CEPA-UFPR (VOLCOV, 2007).

Buscando uniformizar os dados para elaboração do SIG, todas as coordenadas dos sítios foram transformadas com o auxílio do software Mapsource para geográficas decimais – DATUM WGS84 (padrão do Google Earth e compatível com o Sistema Geodésico Brasileiro, o SIRGAS 2000, segundo resolução 01/2005-IBGE). O software ArcGIS 10 foi então utilizado para a manipulação dos dados. Contamos para a análise com 663 sítios identificados como Taquara/Itararé – a maioria assim classificada pelos próprios autores do registro; em outros casos, atribuímos os sítios a essa tradição com base em suas características (especialmente as estruturas semi-subterrâneas e os montículos) ou com base no material publicado.

Classificação dos sítios

Os sítios Jê meridionais foram, então, classificados conforme as seguintes categorias, que apresentaremos nos próximos parágrafos:

- 1) sítios a céu aberto;
- 2) estruturas semi-subterrâneas;
- 3) estruturas semi-subterrâneas e montículos;
- 4) montículos;
- 5) montículos com aterro anelar;
- 6) abrigos sob rocha; e
- 7) sambaquis.

Foram considerados sítios *a céu aberto* aqueles que apresentavam material disperso em superfície e/ou em profundidade, fora de abrigos e sem estruturas construídas (como “casas subterrâneas” ou montículos). Os sítios dessa categoria possuem características extremamente variáveis, com material disperso em áreas tão pequenas quanto 6 m² e tão grandes quanto 90.000 m². São raras as plantas de escavação publicadas, mas nos

valemos de dois sítios como exemplos. O primeiro, PR-AS-03⁷, no médio rio Iguaçu, possuía uma área de 3.571 m². As escavações revelaram uma camada arqueológica de cerca de 10 cm: em sua parte central dispunham-se, alinhadas, feições preenchidas por pedras, carvão e terra preta, interpretadas como fogões (CHMYZ, 1981, p.41-42). O segundo sítio, PR-BS-02, localizado no alto Ribeira, é menor do que o anterior, com uma área de 752 m², mas apresentava estrutura similar: uma camada arqueológica de cerca de 10 cm de espessura e três fogões preenchidos com pedras, ossos, conchas, cerâmica, solo escuro e carvão (CHMYZ *et al.*, 1999, p.22-24). Diferenciam-no buracos de estaca e quatro sepultamentos primários adultos, aparentemente na periferia da habitação (CHMYZ *et al.*, 1999, p.25-31). Parellada (2005, p.87-88) identifica, através de fotografias aéreas, o contorno das possíveis habitações representadas pelos sítios a céu aberto; a maioria das habitações seria retangular, com uma média de 15 x 6 m, assemelhando-se às cabanas Kaingang históricas descritas no Paraná a partir do século XIX (PARELLADA, 2005, p.118-121).

As “casas subterrâneas” são talvez o tipo de sítio Taquara/Itararé que mais desperta atenção. Neste artigo adotamos o termo mais neutro *estruturas semi-subterrâneas*, uma vez que não se pode necessariamente supor seu uso como habitação sem que haja escavações (REIS, 2007 [1980], p.13). Seguindo Corteletti (2012, p.46-47), classificamos as *estruturas subterrâneas e montículos* como um tipo distinto de sítio. Os montículos que acompanham as estruturas semi-subterrâneas, contudo, nem sempre são apenas resultantes de sua construção (COPÉ, 2006, p.176): no Paraná, o sítio PR-UB-04 é um claro exemplo de montículo funerário em meio a um conjunto de estruturas semi-

⁷ Apesar de ser apresentado como exemplo de sítio a céu aberto, Chmyz (1981, p.41) menciona duas possíveis “casas subterrâneas” no extremo nordeste do sítio. Deve-se ressaltar, contudo, a dúvida do próprio Chmyz sobre essas estruturas, quase completamente entulhadas, e o fato de medirem apenas 2 m de diâmetro, o que torna improvável seu uso como habitação.

subterrâneas (CHMYZ e SAUNER, 1971, p.18-19). O sítio PR-CT-93 exemplifica alguns temas comuns a outras estruturas semi-subterrâneas no Paraná: localizado em Mandirituba, região metropolitana de Curitiba, o sítio é composto por uma estrutura de 6,3 m de diâmetro e 2 m de profundidade; as escavações revelaram 13 finas camadas de ocupação separadas por níveis estéreis de abandono (Chmyz *et al.*, 2003, p. 20-38). Cada piso de ocupação continha um ou mais fogões, formados por pedras, solo escuro, carvões, terra queimada e concentrações de cerâmica. Considerando as datas obtidas, Chmyz *et al.* (2003, p. 99) propõem um ciclo de ocupação e abandono, estando o intervalo entre a primeira e a última ocupação entre 260 e 330 anos. Outras estruturas escavadas no Paraná apresentam tendência similar, embora com menor número de reocupações, entre duas e seis (CHMYZ *et al.*, 2003, p.98).

Quanto aos *montículos*, uma função mortuária sempre lhes foi atribuída, embora em nenhum caso no Paraná tenham sido revelados vestígios indubitáveis de sepultamentos da forma como aparecem em Santa Catarina (MÜLLER, 2008; DEMASI, 2009) e no Rio Grande do Sul (COPÉ *et al.*, 2002; DESOUZA e COPÉ, 2010). O caso mais emblemático é o do sítio PR-UB-04: seu montículo possuía 13 m de diâmetro e 2 m de altura e era cercado por uma vala – assemelhando-se muito aos montículos funerários Kaingang dos séculos XIX e XX (CHMYZ e SAUNER, 1971, p.18; MÉTRAUX, 1946, p.465-466). Como detalharemos mais adiante, duas possíveis camadas funerárias com vestígios de cremações foram escavadas na base do montículo, embora os autores não deixem claro se os fragmentos de ossos em meio a cinzas eram de fato humanos (CHMYZ e SAUNER, 1971, p.18-23).

A categoria de *montículos com aterro anelar* foi aplicada apenas ao sítio PR-UV-11 (CHMYZ, 1968a, p.46-47). O termo “aterro anelar” é usado para se referir a um muro de terra cercado espaços funerários ou cerimoniais, embora outras denominações existam na literatura, como “danceiros” ou “áreas entaipadas”

(BEBER, 2004, p.233-236). No caso do sítio PR-UV-11, havia 9 montículos alongados cercados por um aterro anelar de contorno aproximadamente retangular, o que o diferencia dos sítios catarinenses e rio-grandenses, normalmente com aterros circulares cercando um montículo. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, aterros anelares sem montículo costumam apresentar grandes dimensões, até 120 m de diâmetro (REIS, 2007 [1980], p.71-73), e foram interpretados como centros cerimoniais com natureza não-funerária, talvez para o rito coletivo de perfuração dos lábios dos meninos descrito nas etnografias Xokleng (Demasi, 2009, p.110-111; DESOUZA e COPÉ, 2010, p.108-109). Embora grandes aterros anelares sem montículo não tenham sido localizados no Paraná, Chmyz *et al.* (1968, p.17-19) descrevem uma estrutura desse tipo no município paulista de Itaberá, vale do rio Itararé, próximo à fronteira, o que ao menos sugere a possibilidade de sua existência em território paranaense.

Cerâmica Jê meridional também foi identificada em alguns *abrigos sob rocha*, que possivelmente serviram como acampamentos temporários. No sítio PR-UV-01, a cerâmica se distribuía por uma camada juntamente com três fogueiras e sementes carbonizadas, incluindo pinhão (CHMYZ, 1967b, p.14-16). Em alguns desses contextos, encontram-se também inscrições rupestres (CHMYZ, 1968b), embora não se possa assegurar que estejam associadas com a cerâmica (para uma discussão, ver BAPTISTA DA SILVA, 2001).

Finalmente, no litoral paranaense, alguns *sambaquis* apresentam, nas camadas mais superficiais, evidências de ocupação por grupos Jê meridionais (RAUTH, 1963), do mesmo modo como ocorre no litoral de Santa Catarina (DEBLASIS *et al.*, 2007, p.42-44). Recentemente, Neves (1999) demonstrou, com base em medidas craniométricas dos esqueletos do sítio PR-BS-02, a afinidade biológica entre as populações da Tradição Itararé no planalto e no litoral, confirmando hipóteses anteriores de que migrações a partir

das terras altas teriam trazido a cerâmica ao território sambaqueiro (NEVES, 1988).

Na figura 01, apresentamos a localização de todos os sítios Jê no estado do Paraná classificados conforme as categorias acima discutidas. A partir de agora, passaremos a debater algumas tendências que podem ser observadas no mapa, em especial no que diz respeito às variações no padrão de assentamento.

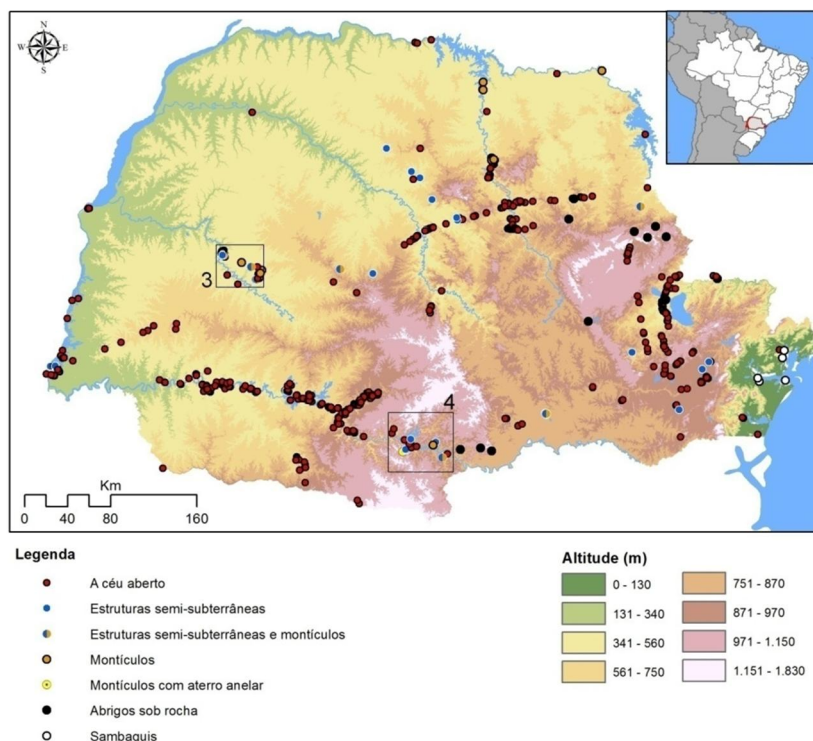


Figura 01

Mapa dos sítios Jê do Sul no estado do Paraná. As áreas detalhadas nas figuras 03 (baixo Piquiri) e 04 (médio Iguazu) aparecem destacadas.

Padrões de assentamento

Ao observarmos o mapa da figura 01, é evidente que a ocupação Jê meridional em território paranaense é caracterizada, na maior parte das regiões, por sítios a céu aberto. Um modelo de sistema de assentamento a ser testado nesses casos foi desenvolvido por Robrahn (1989, p.126-132) para o vale do Ribeira em território paulista: os sítios foram classificados conforme a densidade de material, sendo os sítios densos e médios interpretados como sítios de habitação, e os sítios de baixa densidade, sempre nas proximidades de sítios de habitação, como sítios “satélite” ou de áreas de atividades específicas. Os sítios densos, regularmente espaçados e cercados por sítios menores, funcionariam como centros de territórios ou grupos de sítios, cada grupo separado por cristas íngremes da serra do mar. Também centrais nesse sistema de assentamento são os cemitérios compostos por conjuntos de montículos, situados em topos proeminentes com ampla visibilidade (ROBRAHN, 1989, p.114; ARAUJO, 2001, p.317-318), embora as “centenas” de montículos observados em alguns sítios de São Paulo (ROBRAHN, 1989, p.56-57) não tenham sido relatados para o Paraná.

Eventualmente, estruturas semi-subterrâneas são encontradas como parte desse sistema de assentamento; a pequena quantidade em que existem, a grande distância que as separa, e as evidências de sucessivas ocupações e abandonos no sítio PR-CT-93 (discutido acima) parecem apontar para um possível uso sazonal, o que já foi proposto em modelos antigos para o Rio Grande do Sul (SCHMITZ, 1988, p.75-76). Entretanto, essa não é a situação para todo o território paranaense: na tabela 01, apresentamos as informações disponíveis para as estruturas semi-subterrâneas existentes no estado, destacando o número de estruturas por sítio e suas dimensões. Comparando esses dados com os disponíveis para a área “nuclear” de ocupação Jê em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, notam-se algumas tendências: no

Paraná, o número de estruturas chega, em um único caso, a 10 por sítio, sendo mais os comuns os sítios com 3 ou menos estruturas, ao passo que o sítio mais denso de Santa Catarina possui 107 estruturas (SCHMITZ e ROGGE, 2011), e sítios com mais de 10 estruturas ocorrem com relativa frequência nessa área e no Rio Grande do Sul (BEBER, 2004, p.200-201). O maior diâmetro registrado no Paraná é de 12 m, ao passo que no Rio Grande do Sul os diâmetros podem, excepcionalmente, superar os 20 m (RIBEIRO e RIBEIRO, 1985, p.60; COPÉ, 2006, p.150).

Selecionamos o número de estruturas semi-subterrâneas por sítio para representar espacialmente na figura 02. É possível observar três áreas de maior densidade: duas delas (destacadas na figura 01), a do baixo Piquiri e a do médio Iguazu, apresentam também alta densidade de monumentos funerários, e passaremos a discuti-las a seguir, argumentando que aí se desenvolveu um sistema de assentamento distinto do restante do estado.

O baixo rio Piquiri

Esta região (FIGURA 03), no entorno dos municípios de Ubiratã e Campina da Lagoa, foi pesquisada por Chmyz e Sauner (1971). As estruturas semi-subterrâneas da região tinham a particularidade de raramente aparecerem isoladas; formavam conjuntos de até 10 estruturas, a maioria com cerca de 5 m de diâmetro, embora estruturas com até 12 m fossem notadas. Quando ocorriam estruturas de grandes dimensões, estas eram apenas uma por sítio, e se situavam afastadas das demais (CHMYZ e SAUNER, 1971, p.11-12). Tal situação apresenta analogias com a região de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, onde grandes estruturas ocupam os divisores de águas (SALDANHA, 2008, p.91-92) e podem ser funcionalmente distintas, a julgar pela quantidade e disposição das fogueiras em seu interior, sugerindo Copé (2006, p.341) tratar-se de locais de reunião e/ou habitados por indivíduos de maior status.

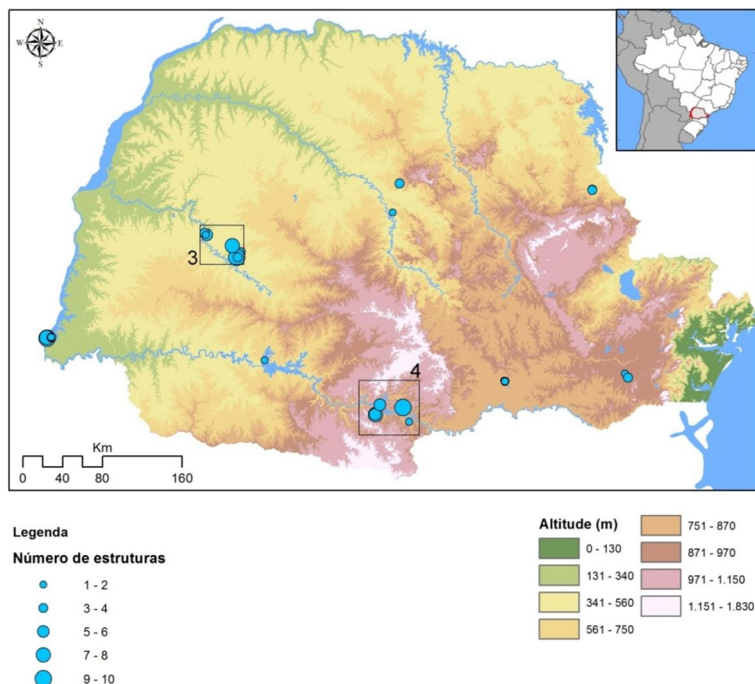


Figura 02

Estruturas semi-subterrâneas classificadas pelo número de estruturas por sítio. As áreas detalhadas nas Figuras 03 (baixo Piquiri) e 04 (médio Iguazu) aparecem destacadas

O baixo Piquiri também é caracterizado pelos conjuntos de montículos (denominados “aterros” pelos autores): em sua maioria são alongados, com até 1,20 m de altura, e aparecem em conjuntos (CHMYZ e SAUNER, 1971, p.11). Alguns, entretanto, possuem a forma de um cone truncado e até 2 m de altura, são cercados por uma vala e aparecem apenas um por sítio. O sítio PR-UB-04 continha um montículo de grandes dimensões, além de dezenas de montículos menores e 6 estruturas semi-subterrâneas. Na base do montículo maior, foram evidenciadas duas possíveis camadas funerárias sobrepostas: cada uma era formada por material lítico e

cerâmico, uma lente de terra queimada, feições escavadas e buracos de poste ao redor de uma mancha de cinzas e ossos (CHMYZ e SAUNER, 1971, p.16-23). Essas evidências são similares às encontradas em alguns aterros anelares com montículos funerários nas bacias dos rios Canoas e Pelotas, e podem ser interpretadas como resultado de festejos mortuários para indivíduos de alto status (DEMASI, 2006, 2009; DESOUZA, 2011, 2012; IRIARTE *et al.*, 2013). É provável que os raros montículos de grandes dimensões no baixo Piquiri servissem à inumação de indivíduos de status superior, sendo os demais sepultados nos montículos alongados e pequenos.

Também é notável a existência de um “caminho” que Chmyz e Sauner (1971, p.16) atribuem à ocupação pré-colonial. Segundo os autores, trata-se de uma trilha que seguia por cerca de 30 km, conectando sítios de estruturas semi-subterrâneas e montículos.

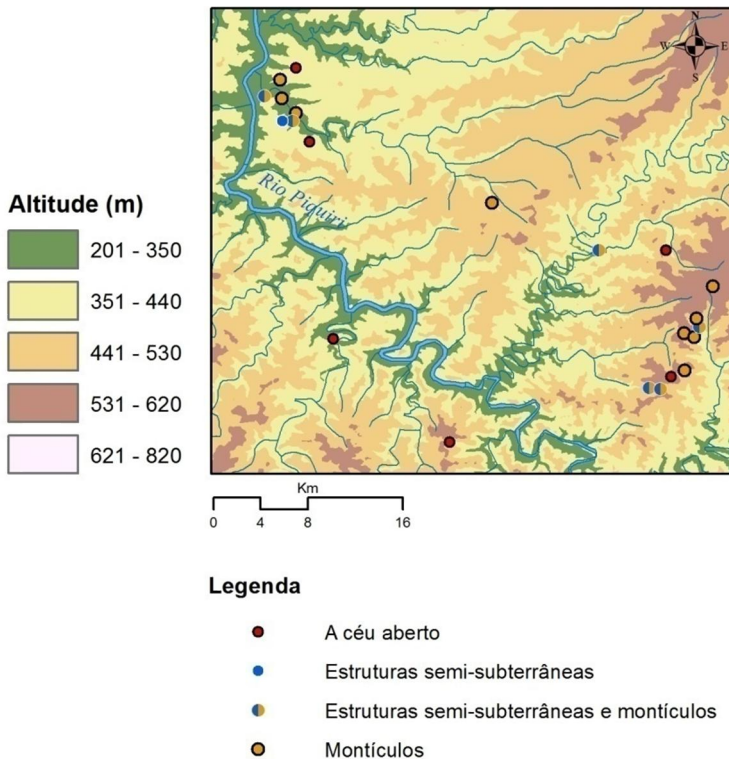


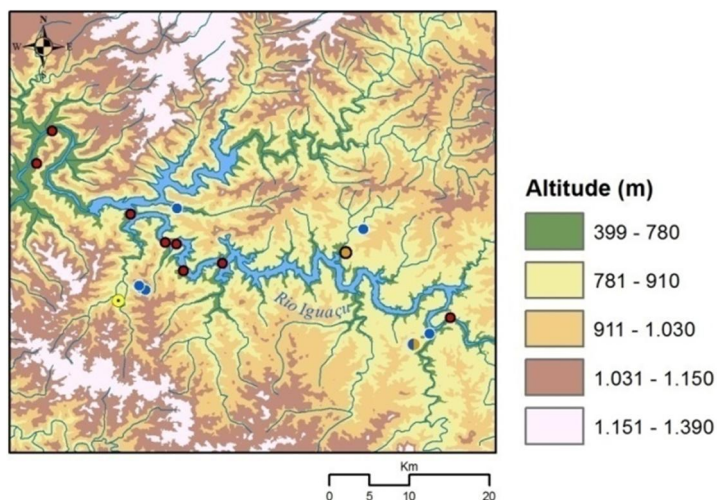
Figura 03

Sítios Jê do Sul no baixo rio Piquiri. Localização na Figura 01. Baseado em CHMYZ e SAUNER, 1971.

O médio rio Iguaçu

Também nesta região (FIGURA04), próxima ao município de Cruz Machado, as estruturas semi-subterrâneas aparecem formando conjuntos, com até 9 estruturas por sítio, tendo as maiores estruturas um diâmetro de 10m Chmyz (1968a, p.42-47) observa que as estruturas estavam localizadas em encostas suaves, ao passo que, a cerca de 4 km delas, os topos proeminentes eram

ocupados por conjuntos de montículos. Em um caso (sítio PR-UV-11), nove montículos alongados, cada um com uma rasa vala ao redor, eram cercados por um muro de terra (aterro anelar) aproximadamente retangular, com cerca de 18 m de comprimento, e aberto em uma das extremidades. Na base de dois montículos escavados foi revelada uma camada escura de cerca de 8 cm de espessura com muitos carvões (CHMYZ, 1968a, p.45-47).



Legenda

- A céu aberto
- Estruturas semi-subterrâneas
- Estruturas semi-subterrâneas e montículos
- Montículos
- Montículos com aterro anelar

Figura 04

Sítios Jê do Sul no médio rio Iguaçu. Localização na Figura 01. Baseado em CHMYZ, 1968a.

Tanto nesta região quanto na anterior, percebe-se um contraste com as demais áreas do Paraná, e um padrão mais próximo ao de regiões como as bacias dos rios Canoas e Pelotas, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Pesquisas recentes nesses dois estados têm revelado uma paisagem Jê do Sul altamente estruturada: conjuntos de estruturas semi-subterrâneas, ocupando encostas suaves, aparecem na vizinhança de aterros anelares com montículos situados em topos proeminentes, conformando pequenos agrupamentos de sítios (SALDANHA, 2005, 2008; IRIARTE *et al.*, 2013). Dentro de cada agrupamento com sítios de habitação e funerários, os montículos com sepultamentos cremados parecem ter se destinado à inumação de líderes locais, dada a pequena quantidade de montículos e o pequeno número de indivíduos (normalmente um ou dois) sepultados por montículo (IRIARTE *et al.*, 2013, p.93-94). Em alguns sítios, as dimensões ou a complexidade da forma dos aterros, combinados com evidências de festins mortuários e vasilhas diretamente associadas aos corpos, sugerem distinções de status entre os cemitérios (DEMASI, 2009, p.108-111; DESOUZA, 2011, 2012, p.52-87). A alta densidade de estruturas semi-subterrâneas levou à discussão sobre o caráter das ocupações: em alguns casos, as datas das distintas estruturas de um mesmo sítio parecem apontar para a não-simultaneidade de sua construção e uso, além de períodos de abandono e retorno (SCHMITZ *et al.*, 2002; SCHMITZ e ROGGE, 2011), ao passo que outros sítios apresentam espessa camada de ocupação ininterrupta, bem como evidências de planejamento na disposição das várias estruturas, construídas sobre amplos nivelamentos prévios do terreno (SALDANHA, 2005; COPÉ, 2006; IRIARTE *et al.*, 2013). Em todo caso, mesmo quando se postulam deslocamentos, estes ocorriam provavelmente entre os vários sítios de estruturas semi-subterrâneas em um território limitado (SCHMITZ *et al.*, 2002, p.102; CORTELETTI, 2012, p.151-174). Particularmente importante para essa discussão é a confirmação do uso de cultivos na bacia do rio Canoas, Santa Catarina, a partir das análises de fitólitos e grãos

de amido de Corteletti (2012) e da análise de isótopos estáveis de DeMasi (2007).

Assim, no planalto de Santa Catarina e Rio Grande do Sul parece ter se desenvolvido um processo de maior sedentarização, territorialização e emergência de hierarquias sócio-políticas; no século XIX, os Kaingang que habitavam essa região estavam organizados em cacicados com dois níveis de hierarquia, sendo exclusivos dos caciques principais os sepultamentos em montículos funerários de construção coletiva com ritos funerários envolvendo festins (MABILDE, 1897, p.162-166, 1899, p.142). É possível que uma situação similar existisse nas duas áreas paranaenses discutidas neste artigo. Contamos com relatos etno-históricos do século XVII escritos por jesuítas sobre os Gualachos, aldeados em duas reduções no alto rio Piquiri, em que se mencionam caciques que poderiam ter até cem vassalos, o fato de suas casas serem “redondas a maneira de fornos”⁸, bem como o ritual de cremação dos mortos e construção dos montículos (CORTESÃO, 1951, p.346-347), o que certamente apresenta paralelos com o sistema de assentamento reconstruído para o baixo Piquiri. A seguir, examinaremos questões de cronologia e uma possível causa para o desenvolvimento desse sistema de assentamento diferenciado nas duas regiões aqui detalhadas.

Cronologia e processos de transformação

Na tabela 02, apresentamos as datas até o momento publicadas para sítios Taquara/Iтарaré no Paraná⁹. As datas mais

⁸ Panek Jr. e Noelli (2006, p.118) acreditam que essa descrição implica que as estruturas semi-subterrâneas teriam teto abobadado, possivelmente coberto com sedimentos e vegetação rasteira para atuar como isolante térmico.

⁹ Datas bastante antigas, atingindo 1875 a.C., são mencionadas por Chmyzet *al.* (1999, p.107). Entretanto, não há informações sobre seu contexto, os sítios de onde foram extraídas, o material datado, nem o número de laboratório, de modo que as deixamos de fora da discussão até que mais dados sejam publicados.

antigas parecem apontar para uma rota de entrada pelo nordeste do Paraná, pelas maiores altitudes do segundo planalto, por volta de 1790 A.P., de onde os Jê meridionais teriam seguido em direção a sul e a oeste pelas cabeceiras dos principais rios, atingindo o médio Iguazu já em 1635 A.P. Essa rota, sugerida por Noelli (2004a, p.37-38), está também de acordo com aquela hipotetizada por Araujo (2007, p.27-28) para São Paulo, ou seja, seguindo as cercanias da serra do mar para posteriormente atingir o oeste. A partir de cerca de 1000 A.P., intensifica-se a presença Jê em todo o Paraná, seguindo uma tendência geral no sul do Brasil coincidente com a expansão da floresta de Araucária (BITENCOURT e KRASPENHAR, 2006; IRIARTE e BEHLING, 2007).

Dentre as duas regiões destacadas neste artigo, o médio Iguazu apresenta datas recuadas, entre 1635 e 1420 A.P.; contudo, estas são oriundas de sítios a céu aberto próximos à calha do rio e de sítios em abrigos sob rocha. Uma transição parece ter ocorrido após 810 A.P., quando se estabelece o sistema de assentamento envolvendo estruturas semi-subterrâneas e montículos funerários. Da mesma forma, as datas no baixo Piquiri são posteriores a 855 A.P. De fato, após aproximadamente 1000 A.P., observa-se uma série de mudanças nos sistemas de assentamento Jê do Sul por todo o planalto, incluindo, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, a transição dos sepultamentos coletivos em abrigos sob rocha para os sepultamentos individuais em montículos funerários (CORTELETTI, 2012, p.197-201).

Certamente, a emergência de uma paisagem marcada por maior sedentarismo, densos sítios de estruturas semi-subterrâneas e monumentos funerários para alguns indivíduos deve algo à expansão da floresta de Araucária (BITENCOURT e KRASPENHAR, 2006; IRIARTE e BEHLING, 2007), mas gostaríamos, neste artigo, de destacar possíveis fatores demográficos e sociais. O mais significativo pode estar relacionado à expansão dos grupos Tupi-Guarani: já por volta de 2000 A.P., estes estão instalados no rio Paraná, mas é apenas após 1000 A.P. que a ocupação se intensifica

em todo o estado do Paraná (NOELLI, 1999-2000, p.250-253). A colonização do rio Paraná corresponderia, no modelo de Noelli (1993, p.305-307), a uma primeira etapa em que os grupos Tupi-Guarani expandiriam suas fronteiras e estabeleceriam áreas de manejo nas florestas subtropicais; já a subida dos maiores afluentes do rio Paraná, seguindo o mesmo modelo, corresponderia à etapa de aumento demográfico e avanço ao longo dos maiores cursos fluviais. Embora não disponhamos de datas para sítios da Tradição Tupiguarani nos rios Piquiri e Iguaçu, o médio rio Ivaí parece ter sido ocupado já entre 1490 e 1380 A.P. (NOELLI, 1999-2000, p.250-253), e a subida dos afluentes mais meridionais deve ter sido razoavelmente mais tardia. Em relação às áreas de ocupação Jê meridional que destacamos neste artigo, no médio rio Iguaçu não há sítios da Tradição Tupiguarani, encontrados somente rio abaixo e acima, o que implica que o território Jê do médio Iguaçu foi contornado e circunscrito pelos grupos Tupi-Guarani. No baixo Piquiri, há apenas dois pequenos sítios Tupiguarani (CHMYZ e SAUNER, 1971, p.16), mais comuns nos tributários do médio e alto curso do rio. Tal padrão adquire mais significado quando consideramos que nas áreas em que predominam os sítios Taquara/Itararé a céu aberto e as estruturas semi-subterrâneas isoladas ou em pequeno número, em particular as bacias dos rios Ivaí, Tibagi, e o primeiro planalto no entorno de Curitiba, os sítios Tupiguarani são mais freqüentes, existindo também casos de sobreposição (CHMYZ *et al.*, 2003, 2008, 2009).

Noelli (2004a, p.39-42) ressalta as relações entre as dinâmicas populacionais Jê e Tupi-Guarani, chamando a atenção para o fato de como os segundos comprimiram o território dos primeiros, restringindo-os às áreas de maiores altitudes, onde predominam os campos e as temperaturas mais baixas. Seguindo esse argumento, acreditamos que tal processo de circunscrição territorial teria afetado os desenvolvimentos demográficos e sócio-políticos dos grupos Jê meridionais. No Paraná, isso é visível nas duas regiões aqui destacadas, a do médio Iguaçu e a do baixo

Piquiri. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o mesmo processo pode ter resultado no adensamento demográfico e emergência de complexidade sócio-política nas bacias dos rios Canoas e Pelotas (SALDANHA, 2005, 2008; COPÉ, 2007; DEMASI, 2006, 2009; IRIARTE *et al.*, 2013; CORTELETTI, 2012; DESOUZA e COPÉ, 2010; SCHMITZ e ROGGE, 2011; DESOUZA, 2011, 2012), onde os sítios Tupiguarani são raros ou inexistentes; de fato, o avanço dos grupos Tupi-Guarani pelo rio Uruguai, formado por aqueles dois rios, parece ter parado no ponto onde estes se encontram (NOELLI, 2004b, p.19).

Considerações finais

Em síntese, argumentamos que, no baixo rio Piquiri e no médio rio Iguaçu, desenvolveu-se um sistema de assentamento Jê meridional distinto do restante do estado do Paraná, marcado por: 1) maior densidade demográfica e sedentarismo (evidenciado pelo número e densidade de estruturas semi-subterrâneas) e 2) emergência de estruturas sócio-políticas hierárquicas (evidenciado pelas distinções nos montículos funerários e investimento de energia diferenciado entre os mesmos e, no caso do baixo Piquiri, também pela variabilidade nas dimensões e posicionamento das estruturas semi-subterrâneas). Sugerimos que esses desenvolvimentos, posteriores a 1000 A.P., podem ter sido desencadeados pela circunscrição territorial por grupos Tupi-Guarani. É interessante notar que, nessas duas áreas, a cerâmica Taquara/Itararé apresenta maior percentual de decoração plástica (CHMYZ, 1981, p.90-92) na forma de incisos, ponteados, impressos e carimbados, grafismos que apresentam continuidade com o sistema de representações Kaingang e Xokleng em período histórico (BAPTISTA DA SILVA, 2001). É possível que, em algumas regiões, esses grafismos tenham sido assertivamente utilizados como *atributo estilístico altamente visível* na cerâmica (CARR, 1995), de forma a enfatizar a expressão das identidades locais face a outros grupos.

Assim, destacamos neste artigo a heterogeneidade das ocupações Jê meridionais em período pré-colonial no Paraná, o que é importante para desfazer algumas simplificações recorrentes. A mais importante é a distinção entre Kaingang e Xokleng, sempre citada, quando na verdade é recente, não superando os 620 anos A.P. com base na léxico estatística (JOLKESKY, 2010, p.265-270); a variedade de grupos e línguas Jê meridionais deve ter sido muito maior no passado – talvez exemplificada pelos grupos Kimdá e Ingáin, descritos no século XIX, mas atualmente extintos (JOLKESKY, 2010, p.15-18). Também buscamos, com a hipótese de que a emergência de estruturas sócio-políticas complexas pode ter sido desencadeada pela circunscrição territorial por grupos Tupi-Guarani, inserir a pré-história dos Jê do Sul no Paraná dentro de um cenário mais amplo, uma vez que processos similares têm sido propostos para a região de Misiones, Argentina (IRIARTE *et al.*, 2008, 2010) e também para a Amazônia central (MORAES e NEVES, 2012), no último caso envolvendo a interação entre grupos Tupi-Guarani e Arawak.

Tabelas

Município	Sigla/Nome	Estruturas semi-subterrâneas	
		Quantidade	Diâmetro
Bituruna	PR UV 09 - São Vicente	Sem dados	Sem dados
Bituruna	PR UV 12 - Habitação Zampieron 1	7	Maior: 9m
Bituruna	PR UV 13 - Habitação Zampieron 2	1	Sem dados
Bituruna	PR UV 40 - Generoso	2	Sem dados
Bituruna	PR UV 14 - Habitação Zampieron 3	5	Sem dados
Campina da Lagoa	PR RO 06 - Morro Vermelho II	4	Maior: 12m; Demais: 5 a 6m
Campina da Lagoa	PR UB 10 - Morro Vermelho I	10	Maior: 10m; Demais: 3 a 5m
Campina da Lagoa	PR UB 07 - Rio Erveira	8	3 a 4m
Campina da Lagoa	PR RO 01 - Três buracos	1	Sem dados
Campina da Lagoa	PR RO 03 - Moch III	3	Maior: 10m
Campo Largo	PR RB 01 - Rio Bonito	Sem dados	Sem dados
Cruz Machado	PR UV 21 - Água do Prata	5	Maior: 10m; Demais: 7 a 9m
Cruz Machado	PR UV 06 - Linha Iguaçú	Aprox. 9	Maior: 10m; Demais: 6 a 9m
Faxinal	Casa Subterrânea Bela Vista	3	Sem dados
Foz do Iguaçú	PR FI 83 - Sanga Funda 6	1	4m
Foz do Iguaçú	PR FI 42 - Sanga Funda 5	2	4,5 a 5m
Foz do Iguaçú	PR FI 38 - Sanga Funda 4	3	5m; 6m; 7m
Foz do Iguaçú	PR FI 41 - Eixo da Barragem 2	7	3,50m; três com 2,50m; duas com 2m
Foz do Iguaçú	PR FI 40 - Eixo da Barragem 1	9	3m; 3,80m; quatro com 4m; 4,20m; 5,80m
Mandaguari	PR-MND-01 - Mandirituba 01	Sem dados	Sem dados
Mandirituba	PR CT 90 - Rio das Onças 2	1	8m
Mandirituba	PR MD 01 - Mandirituba	3	2,7m; 5,6m; 3,1m

A diversidade dos sítios arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná

Mandirituba	PR CT 93 - Rio das Onças 5	1	Sem dados
Novo Itacolomi	PR-NIT-02	Sem dados	Sem dados
Novo Itacolomi	PR-NIT-03	Sem dados	Sem dados
Ortigueira	PR-ORT-109	Sem dados	Sem dados
Ortigueira	PR-ORT-108	Sem dados	Sem dados
Rio Bonito do Iguaçu	PR AS 03 - Barragem Santiago 2	2	Sem dados
Rio Bonito do Iguaçu	PR BV 02 - Rio Barra Mansa 1	2	3m
Rio Branco do Ivaí	PR MR 15 - Nabor - 1	2	5,6m
São José da Boa vista	PR SE 07 - Nezio 1	3	6m
São José da Boa vista	PR SE 08 - Nezio 2	4	6m; 5m; 4,5m; 1,5m
São José da Boa vista	PR SE 09 - Nezio 3	4	Sem dados
São Mateus do Sul	PR SM 16 - Nhapindazal	1	12m
São Mateus do Sul	PR SM 10 - Rio das Pedras 2	1	8m
São Mateus do Sul	PR SM 14 - Erveiras	2	7m
São Mateus do Sul	PR SM 17 - Serelepe	2	7m
São Mateus do Sul	PR SM 15 - Pinheiral	1	Sem dados
São Mateus do Sul	PR SM 18 - Sassafras	1	5,30m
São Mateus do Sul	PR SM 19 - Cedrinho	1	5m
Ubiratã	PR UB 16 - Estrada da Cantareira	1	5m
Ubiratã	PR UB 09 - Caraja II	3	3 a 5m
Ubiratã	PR UB 04 - Caraja I	6	4 a 5m

Tabela 01

Sítios de estruturas semi-subterrâneas no Paraná, com informações sobre o número de estruturas e seu diâmetro. Informações compiladas das fichas de registro de sítio no IPHAN/PR e CNSA.

Município	Sigla/Nome	Data (código de laboratório)	Referência
Sengés	Abrigo da Janela	1790±210 AP (ANU 19227)	PARELLADA, 2005
Bituruna	PR UV 47 - Linha Navegantes-2	1635±100 AP (SI 5014)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2009
União da Vitória	PR UV 17 - Abrigo Bruacas	1475±65 AP (SI 2197)	CHMYZ, 1981
Curiúva	PR SA 02 - Bairro do Felisberto	1446±40 AP (Lacivid-USP/TL)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2008
Bituruna	PR UV 48 - Rio Jararaca	1420±50 AP (BETA 22647)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2009
Curiúva	PR RP 10 - Rio Alecrim 1	1390±60 AP (Lacivid-USP/TL)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2008
Arapoti	PR WB 03 - Rio do Café-1	1314±43 AP (Lacivid-USP/TL)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2008
Arapoti	PR WB 05 - Rio do Café-2	1296±43 AP (Lacivid-USP/TL)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2008
Arapoti	PR WB 01 - Rio Laranjinha	1244±47 AP (Lacivid-USP/TL)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2008
Curiúva	PR SA 08 - Água da Cangaia	1215±50 AP (Lacivid-USP/TL)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2008
São Mateus do Sul	PR SM 16 - Nhapindazal	1150±40 AP (BETA 256211)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2009
Curiúva	PR SA 06 - Sítio Camargo 2	1113±60 AP (Lacivid-USP/TL)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2008
São Mateus do Sul	PR SM 17 - Serelepe	1030±50 AP (BETA 256210)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2009
Mandirituba	PR CT 93 - Rio das Onças 5	940±70 AP (BETA 180907)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2003
São Mateus do Sul	PR SM 17 - Serelepe	920±40 AP (BETA 256209)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2009
Doutor Ulysses	Fazenda Marrecas IV	890±180 (?)	PARELLADA, 2005
Ubiratã	PR UB 04 - Caraja I	855±95 AP (SI 2193)	CHMYZ, 1981
Mandirituba	PR CT 93 - Rio das Onças 5	850±50 AP (BETA 180907)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2003
Campo Largo	PR CT 53 - Palmeira - 3	848±70 AP (BETA 22644)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2003
Ortigueira	PR SA 34 - Arroio Belo 6	820±60 AP (Lacivid-USP/TL)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2008
Bituruna	PR UV 12 - Habitação Zampieron 1	810±90 AP (SI 892)	CHMYZ, 1981
União da Vitória	PR UV 01 - Abrigo sob rocha Casa de Pedra	800±50 AP (SI 141)	CHMYZ, 1981
Ubiratã	PR UB 04 - Caraja I	735±95 AP (SI 2194)	CHMYZ, 1981
Doutor Ulysses	Walgimiro de Matos I	730±150 (?)	PARELLADA, 2005

A diversidade dos sítios arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná

Mandirituba	PR CT 93 - Rio das Onças 5	680±70 AP (BETA 180905)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2009
Bituruna	PR UV 11 - Cemitério Zampieron	680±70 AP (SI 1010)	CHMYZ, 1981
Mandirituba	PR CT 93 - Rio das Onças 5	660±60 AP (BETA 180904)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2003
Bituruna	PR UV 12 - Habitação Zampieron 1	623±120 AP (SI 691)	CHMYZ, 1981
Mangueirinha	PR MN 04 - Rio Portão 2	595±60 (SI 6396)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2008
Mandirituba	PR CT 93 - Rio das Onças 5	580±60 AP (BETA 180903)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2003
Campo Largo	PR CT 53 - Palmeira - 3	558±50 AP (BETA 22646)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2003
Arapoti	PR WB 16 - Abrigo sob rocha Tunas	504±40 AP (Lacid/USP)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2008
São Mateus do Sul	PR SM 14 - Erveiras	490±40 AP (BETA 256208)	CHMYZ <i>et al.</i> , 2009
Ubiratã	PR UB 04 - Caraja I	470±95 AP (SI 2192)	CHMYZ, 1981
Bituruna	PR UV 12 - Habitação Zampieron 1	255±100 AP (SI 692)	CHMYZ, 1981
Porto Vitória	PR UV 38 - Prainha	190±75 AP (SI 5013)	CHMYZ, 1981

Tabela 02

Datações radiocarbônicas e de termoluminescência para sítios Taquara/Itararé no Paraná.

Referências Bibliográficas

- ARAUJO, Astolfo G. M. *Teoria e método em arqueologia regional: um estudo de caso no alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- ARAUJO, Astolfo G. M. A tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. *Revista de Arqueologia*. Sociedade de Arqueologia Brasileira, n. 20, p. 9-38, 2007.
- BAPTISTA DA SILVA, Sergio. *Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- BEBER, Marcus V. *O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.
- BITENCOURT, Ana L. V.; KRAUSPENHAR, Patrícia M. Possible prehistoric anthropogenic effect on *Araucaria angustifolia* (bert.) O. Kuntze expansion during the Late Holocene. *Revista Brasileira de Paleontologia*, vol. 9, n. 1, p. 109-116, 2006.
- BLASI, Oldemar. Os indícios arqueológicos do Barracão e Dionísio Cerqueira, Paraná – Santa Catarina. *Arquivos do Museu Paranaense: Arqueologia*. Curitiba: Museu Paranaense, n. 2, p. 1-26, 1965.
- BLASI, Oldemar. O sítio arqueológico de Estirão Comprido, Rio Ivaí – Paraná – estudos complementares. *Arquivos do Museu Paranaense: Arqueologia*. Curitiba: Museu Paranaense, n. 3, p. 1-59, 1967.
- BORBA, Telêmaco M. *Actualidade Indígena*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- CARR, Christopher. A unified middle-range theory of artifact design. In: *Style, Society, and Person*. Nova York: Plenum Press, 1995.

- CHMYZ, Igor. Prospecções Arqueológicas no Vale do Rio das Antas, Rio Grande do Sul (Brasil). *Acta Prehistorica*. Buenos Aires: Centro Argentino de Estudios Prehistoricos, n. V/VII, p. 35-52, 1965.
- CHMYZ, Igor. Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Paranapanema. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967a.
- CHMYZ, Igor. O sítio arqueológico PR UV 1 (abrigo sob-rocha Casa de Pedra). *Arqueologia*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, n. 3, p. 1-40, 1967b.
- CHMYZ, Igor. Subsídios para o estudo arqueológico do vale do rio Iguaçu. *Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, n. 1, p. 31-52, 1968a.
- CHMYZ, Igor. Breves notas sobre petroglifos no segundo planalto paranaense (sítio PR UV 5). *Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, n. 1, p. 53-63, 1968b.
- CHMYZ, Igor. Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguaçu. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967-1968*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969a.
- CHMYZ, Igor. Novas manifestações da Tradição Itararé no Estado do Paraná. *Pesquisas: Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 20, p. 121-129, 1969b.
- CHMYZ, Igor. Contatos interétnicos verificados em sítios arqueológicos no Estado do Paraná/Brasil. *Revista do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas*. Curitiba, n. 16, p. 11-14, 1971.
- CHMYZ, Igor; PEROTA, Celso; MÜELLER, Helena I.; ROCHA, Maria L. F. Notas sobre a arqueologia do vale do rio Itararé. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, n. 1, p. 7-23, 1968.

- CHMYZ, Igor; SAUNER, Zulmira C. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas do Vale do Rio Piquiri. *Dédalo*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 13, p. 7-35, 1971.
- CHMYZ, Igor. *Primeiro Relatório das Pesquisas Realizadas na Área de Itaipu (1975/76)*. Curitiba: Convênio Itaipu-IPHAN, 1976.
- CHMYZ, Igor. *Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas na Área da Usina Hidrelétrica de Salto Santiago (1979-80)*. Curitiba: Convênio Eletrosul-IPHAN, 1981.
- CHMYZ, Igor; SGANZERLA, Eliane M.; VOLCOV, Jonas E. *Arqueologia da Área Prioritária – Projeto Hidroelétrico Tijuco Alto – Rio Ribeira – São Paulo – Paraná*. Curitiba: FUNPAR, 1999.
- CHMYZ, Igor; BORA, Eloi; CECCON, Roseli S.; SGANZERLA, Eliane M.; VOLCOV, Jonas E. A arqueologia da área do aterro sanitário da região metropolitana de Curitiba em Mandirituba, Paraná. *Arqueologia*. Curitiba, v. 2, p. 1-138, 2003.
- CHMYZ, Igor; SGANZERLA, Eliane, M.; VOLCOV, Jonas E.; BORA, Eloi; CECCON, Roseli S. *A arqueologia da área da LT 750kV Ivaiporã – Itaberá III, Paraná – São Paulo*. Curitiba: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, 2008.
- CHMYZ, Igor; SGANZERLA, Eliane, M.; VOLCOV, Jonas E.; BORA, Eloi; CECCON, Roseli S. *Relatório final do projeto de salvamento arqueológico na área de implantação da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul – Paraná*. Curitiba: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, 2009.
- COPÉ, Silvia M. *Les grands constructeurs précoloniaux du plateau du sud du Brésil: étude des paysages archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil*. Tese de Doutorado. Paris: Université de Paris I, 2006.
- COPÉ, Silvia M. El uso de la arquitectura como artefacto en el estudio de paisajes arqueológicos del altiplano sur brasileño, Rio Grande do Sul. *Cazadores-Recolectores del Cono Sur: Revista de Arqueología*. Universidad Nacional de Mar del Plata, n. 2, p. 15-34, 2007.

- COPEÉ, Silvia M.; SALDANHA, João D. M. Em busca de um sistema de assentamento para o Planalto Sul Riograndense: escavações no sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS. *Pesquisas: Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 58, p. 108-120, 2002.
- COPEÉ, Silvia M.; SALDANHA, João D. M.; CABRAL, Mariana P. Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas: Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 58, p. 121-139, 2002.
- CORTELETTI, Rafael. *Patrimônio arqueológico de Caxias do Sul*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- CORTELETTI, Rafael. *Projeto arqueológico Alto Canoas – Paraca: um estudo da presença Jê no planalto catarinense*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.
- CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e bandeirantes no Guairá*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.
- DE BLASIS, Paulo; KNEIP, Andreas; SCHEEL-YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo C.; GASPAR, Maria D. Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueología Suramericana*, vol. 3, n. 1, p. 29-61, 2007.
- DE MASI, Marco A. N. (Ed.) *Xokleng 2860 a.C.: as terras altas do sul do Brasil*. Tubarão: Editora Unisul, 2006.
- DE MASI, Marco A. N. Análise de isótopos estáveis de ^{13}C e ^{15}N em resíduos de incrustações carbonizadas de fundo de recipientes cerâmicos das Terras Altas do Sul do Brasil. In: *Anais do XIV Congresso da SAB (CD-ROM)*. Florianópolis: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007.
- DE MASI, Marco A. N. Centros cerimoniais no planalto meridional: uma análise intrasítio. *Revista de Arqueologia*. Sociedade de Arqueologia Brasileira, vol. 22, n. 1, p. 99-114, 2009.
- DE SOUZA, Jonas G. 2011. Aterros e montículos funerários Jê do Sul. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, Suplemento 11, p. 89-94, 2011.

- DE SOUZA, Jonas G. 2012. *Paisagem ritual no planalto meridional brasileiro: complexos de aterros anelares e montículos funerários Jê do Sul em Pinhal da Serra, RS*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.
- DE SOUZA, Jonas G.; COPÉ, Silvia M. Novas perspectivas sobre a arquitetura ritual do planalto meridional brasileiro: pesquisas recentes em Pinhal da Serra, RS. *Revista de Arqueologia*. Sociedade de Arqueologia Brasileira, vol. 23, n. 2, p. 98-111, 2010.
- IRIARTE, José; BEHLING, Hermann. The expansion of Araucaria forest in the southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/Itararé Tradition. *Environmental Archaeology*, vol. 12, n. 2, p. 115-127, 2007.
- IRIARTE, José; GILLAM, Christopher; MAROZZI, Oscar. Monumental burials and memorial feasting: an example from the southern Brazilian highlands. *Antiquity*, vol. 82, n. 318, p. 947-961, 2008.
- IRIARTE, José; MAROZZI, Oscar; GILLAM, Christopher. Monumentos funerarios y festejos rituales: complejos de recintos y montículos Taquara/Itararé en Eldorado, Misiones (Argentina). *Arqueología Iberoamericana*, n. 6, p. 25-38, 2010.
- IRIARTE, José; COPÉ, Silvia M.; FRADLEY, Michael; LOCKHART, Jami J.; GILLAM, Christopher. Sacred landscapes of the southern Brazilian highlands: understanding southern proto-Jê mound and enclosure complexes. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 32, n. 1, p. 74-96, 2013.
- JOLKESKY, Marcelo P. *Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê meridional*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- LAMING, Annette; EMPERAIRE, Joseph. A jazida José Vieira: um sítio Guarani e pré-cerâmico do interior do Paraná. *Arqueologia*. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade do Paraná, n. 1, p. 1-148, 1959.

- MABILDE, Pierre A. B. 1897. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação ‘Coroados’ que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*, ano XIII, p. 145-167.
- MABILDE, Pierre A. B. 1899. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação ‘Coroados’ que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*, ano XV, p. 125-151.
- MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. História da Arqueologia Brasileira. *Pesquisas: Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 46, p. 1-157, 1991.
- MENGHIN, Oswald. El poblamiento prehistorico de Misiones. *Anales de Arqueología y Etnología*, Tomo XII, p. 19-40, 1956.
- MERENCIO, Fabiana T. *Levantamento de Sítios Arqueológicos no Paraná*. Disponível em: <http://www.academia.edu/2171685/Mapa_de_Levantamento_de_Sítios_Arqueologicos_no_Parana_-_2012>. Acesso em 18 de maio de 2012.
- MÉTRAUX, Alfred. The Caingang. In: *Handbook of South American Indians – Vol. 1 – The Marginal Tribes*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1946.
- MILLER, Eurico T. Pesquisas arqueológicas efetuadas no planalto meridional, Rio Grande do Sul. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do quarto ano 1968-1969*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971.
- MORAES, Claide; NEVES, Eduardo G. O ano 1000: adensamento populacional, interação e conflito na Amazônia central. *Amazônica*, vol. 4, n. 1, p. 122-148, 2012.
- MÜLLER, Letícia M. *Sobre índios e ossos: estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

- NEVES, Walter A. Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). *Pesquisas: Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 43, p. 1-178, 1988.
- NEVES, Walter A. Os remanescentes ósseos humanos do Sítio PR BS 2: Morro dos Anjos: cura, caracterização geral e afinidades biológicas regionais. In: *Arqueologia da Área Prioritária – Projeto Hidroelétrico Tijuco Alto – Rio Ribeira – São Paulo – Paraná*. Curitiba: FUNPAR, 1999.
- NOELLI, Francisco S. *Sem Tekohá não há Tekó*: em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.
- NOELLI, Francisco S. Repensando os rótulos e a história dos Jê no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, n. 3, p. 285-302, 1999.
- NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. *Revista da USP*. São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 44, p. 218-269, 1999-2000.
- NOELLI, Francisco S. O mapa arqueológico dos povos Jê no sul do Brasil. In: *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Eduel, 2004a.
- NOELLI, Francisco S. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní. *Revista de Indias*, v. 44, n. 230, p. 17-34, 2004b.
- PANEK JR., Carlos A.; NOELLI, Francisco S. A distribuição geográfica dos sítios arqueológicos Jê com estruturas semi-subterrâneas no sul do Brasil. In: *Xokleng 2860 a.C.: as terras altas do sul do Brasil*. Tubarão: Editora Unisul, 2006.

- PARELLADA, Claudia I. *Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- PARELLADA, Claudia I. Tecnologia e Estética da Cerâmica Itararé-Taquara no Paraná: dados etno-históricos e o acervo do Museu paranaense. *Revista de Arqueologia*. Sociedade de Arqueologia Brasileira, n. 21, p. 97-111, 2008.
- RAUTH, José W. Notas arqueológicas sobre a formação de um sambaqui na Ilha das Cobras. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá*. Paranaguá, n. 1, p. 1-8, 1963.
- REIS, Maria J. *A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Erechim: Habilis, 2007.
- RIBEIRO, Pedro A. M.; RIBEIRO, Catharina T. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*. Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 14, p. 49-105, 1985.
- ROBRAHN, Erika M. *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira do Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989.
- SALDANHA, João D. M. *Paisagem, lugares e cultura material: uma arqueologia espacial nas terras altas do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.
- SALDANHA, João D. M. Paisagem e sepultamentos nas terras altas do sul do Brasil. *Revista de Arqueologia*. Sociedade de Arqueologia Brasileira, vol. 21, n. 1, p. 85-95, 2008.
- SCHMITZ, Pedro I. As tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. *Documentos*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 2, p. 75-130, 1988.
- SCHMITZ, Pedro I.; ROGGE, Jairo H. 107 'casas subterrâneas' no início do povoamento Jê Meridional em Santa Catarina: Rincão dos Albinos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, n. 21, p. 185-204, 2011.

- SCHMITZ, Pedro I.; ROGGE, Jairo H.; ROSA, André O.; BEBER, Marcus V.; MAUHS, Julian; ARNT, Fúlvio V. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no planalto rio-grandense. *Pesquisas: Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 58, p. 11-105, 2002.
- SCHMITZ, Pedro I.; ARNT, Fúlvio V.; BEBER, Marcus V.; ROSA, André O.; FARIAS, Deisi S. Casas subterrâneas no planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito. *Pesquisas: Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 68, p. 7-78, 2010.
- VOLCOV, Jonas E. *Sítios arqueológicos cadastrados e/ou pesquisados pelo CEPA/UFPR*. Mapa. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, 2007.

Recebido em: 20/07/2013

Aprovado em:16/08/2013

Publicado em: 04/10/2013